

3 - AMOR, SEXO E CASAMENTO NO JUDAÍSMO

Jane Bichmacher de Glasman⁶⁰

RESUMO

DAVIDSON (1985) escreveu que a civilização ocidental se rebelou contra a doutrina imperante que as expressões físicas do amor são “profanas” e defendeu, em seu lugar, o “amor livre”. A ideologia da Torá, que é radicalmente distinta de ambos os extremos revela a espiritualidade do amor físico. De uma maneira geral, os judeus de tempos antigos eram puritanos, mas não pudicos. Tinham uma aceitação realística do sexo, mas não no sentido hedonístico dos gregos e dos romanos, que o tinham como um fim prazenteiro em si mesmo.

INTRODUÇÃO

Em um artigo de SHAKED (1999), com o sugestivo título de “Existe algo como amor judaico ou israelense?”, ele começa citando Bialik: “Dizem que há amor no mundo, o que é amor?”, e prossegue levantando a hipótese se a grande questão não seria se o amor judaico difere dos outros⁶¹.

DAVIDSON (1985) escreveu que a civilização ocidental se rebelou contra a doutrina imperante que as expressões físicas do amor são “profanas” e defendeu, em seu lugar, o “amor livre”. A ideologia da Torá, que é radicalmente distinta de ambos os extremos revela a espiritualidade do amor físico.

SCHALLMAN (1963) questiona se no Antigo Testamento há amor propriamente dito, entendido como paixão, desejo e atração. E responde, conforme PITTALUGA (1946), que há, sim, um Eros distinto do grego, um Eros metafísico que sopra como um furacão

⁶⁰Doutora em Língua Hebraica, Literaturas e Cultura Judaica (USP), Professora Adjunta, fundou e coordenou o Setor de Hebraico e o Programa de Estudos Judaicos da UERJ, Professora e Coordenadora do Setor de Hebraico da UFRJ (aposentada).

⁶¹ Como uma introdução a uma série de artigos sobre amor na literatura Israelense.

sobre a alma humana e arrasta no vendaval as pessoas, embora, no seu entender, não é o amor o inspirador do povo judeu e da mulher judia, mas a sua fortaleza: mulher forte, jardim trancado, torre de marfim, alta muralha, como é referida no texto bíblico. Para ele, o amor constituiu poderosa força moral entre os judeus, por exemplo, na transcendência do “Cântico dos Cânticos”, onde vê a exaltação do homem e da mulher num mesmo plano de igualdade social e espiritual, da igualdade de ambos os sexos ante a majestade do amor.

De uma maneira geral, os judeus de tempos antigos eram puritanos, mas não pudicos. Tinham uma aceitação realística do sexo, mas não no sentido hedonístico dos gregos e dos romanos, que o tinham como um fim prazenteiro em si mesmo.

Os judeus desenvolveram uma filosofia de vida que tinha um caráter unificado como parte de um sistema moral completo. Não criaram um dualismo entre os mistérios do céu e as realidades da terra; acreditavam que uma grandiosa unidade cósmica reinava no universo. No tradicional credo judaico (excetuando o dos místicos) não existia uma separação real entre o corpo e a alma. "A alma é Tua, e o corpo também é Tua criação", entoavam os devotos em orações⁶². Portanto, o poder da procriação era venerado como o instrumento sagrado com que Deus havia dotado todas as suas criaturas com o propósito único de continuar e "colaborar" com ele em seu trabalho de infundável Criação (GLASMAN, 2001).

No texto místico medieval *Igeret HaKodesh*, da autoria de Nachmânides⁶³, a perspectiva judaica está claramente expressa: "Nós que somos descendentes daqueles

⁶² Ao acordar, um judeu deve pronunciar duas bênçãos: Mode Ani (agradecendo a Deus por nos ter devolvido nossa alma ao despertar) e Asher Iatsár (agradecendo pelo corpo humano): “Bendito sejas tu, Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, que formaste o homem com sabedoria e criaste nele órgãos com orifícios. Revelado e sabido é perante o Teu glorioso trono que, se um órgão aberto se fechar ou um órgão fechado se abrir, o ser humano não sobreviverá nem uma hora”.

⁶³ Um dos principais autores da literatura talmúdica da Idade Média, cabalista, filósofo e escritor renomado. Mais conhecido por seus comentários místicos do Pentateuco, destacou-se no campo da lei rabínica além de

que receberam a Torá, cremos que Deus criou tudo que Sua sabedoria ditou, e Ele não criou nada que contivesse obscenidade ou fealdade. Se disséssemos que as relações sexuais são obscenas, deduzir-se-ia que os próprios órgãos sexuais são obscenos. E como poderia Deus ter criado algo impuro e imoral?"

Uma aceitação menos repressiva da natureza psicosexual do ser humano levou os rabinos do Talmud a instituírem regulamentos que não só alargaram como modificaram os bíblicos - que esclareciam o que era permitido na intimidade, os direitos e deveres de marido e esposa, como orientação para maior compatibilidade e felicidade doméstica.

Para AUSUBEL (1967), uma determinante da origem da moralidade sexual entre os judeus dos tempos antigos, indicada na Torá, era a necessidade de isolar a vida judaica da imoralidade dos povos vizinhos representada primeiramente pelos cultos orgíacos de *Baal* e *Astarté* entre os canaanitas, e mais tarde pelas obscenidades dos mistérios gregos e da Saturnália romana. Por isso, as relações entre os sexos eram sancionadas pelo judaísmo de forma a alcançarem uma relativa "santidade", um alto grau de responsabilidade social. Esse padrão de moralidade sexual ficou fixado, em seus traços essenciais, para as gerações posteriores; houve, naturalmente, as influências do ambiente não judaico às quais os judeus dispersos estiveram expostos em várias regiões e em períodos culturais.

ADULTÉRIO

A prática do adultério na antiga sociedade judaica era condenada e vista como uma ameaça à integridade moral do indivíduo e à preservação de Israel como uma "nação sagrada". A proibição taxativa do 7º mandamento do Decálogo: "Não cometerás adultério" era reforçada pela advertência do décimo: "Não cobiçarás a mulher do próximo." (Êxodo 20:2-17 e Deuteronômio 5:6-21)

ser um poeta litúrgico de grande expressão. Rabi Moisés Ben-Nachman, o Ramban, mais conhecido como Nachmânides nasceu em Gerona, na Espanha, em 1194, (passando a ter o sobrenome de Gerondi) e morreu em Haifa, Eretz Israel, em 1270.

Sob as leis rabínicas, o desenvolvimento dos preceitos bíblicos, o adúltero, fosse homem ou mulher, era julgado um rebelde contra a lei de Deus no mundo e era denegrido como um violador das forças sexuais da vida que os rabis consideravam sagradas e invioláveis, acrescentando até que: "Não é considerado adúltero só aquele que peca com seu corpo, mas também aquele que peca com seus olhos".

A prescrição bíblica de castigo para homem ou mulher culpado de adultério denota dureza: "ambos devem morrer". Esse castigo em meio ao clima mais humano e ético da sociedade judaica na era talmúdica era tido como chocante e excessivo. Os rabinos começaram, sistematicamente, a apor à lei bíblica toda a sorte de ressalvas legais e de apelos de exceção a fim de contornar a pena de morte. Por exemplo, uma lei rabínica introduziu a condição de que a mulher adúltera não poderia ser condenada à morte a não ser que fosse provado, de maneira concludente, que antes da relação pecaminosa, ela estava inteiramente ciente do mandamento das Escrituras contra o adultério.

A execução dos adúlteros cessou e a lei que a ditava tornou-se obsoleta ao final do período do Segundo Templo, depois que os conquistadores romanos da Judéia aboliram o Sinédrio, e tirou das cortes judaicas o instrumento judicial da pena capital. O marido traído podia obter imediatamente o divórcio de sua infiel esposa.

SOLTEIROS

No hebraico bíblico não havia palavra correspondente a "solteiro". A não existência da palavra prova, *ipso facto*, que não havia necessidade dela. Obviamente, a simples idéia de não se casar era inaceitável para o judeu de então. Mais tarde, o *Talmud* dizia que "um homem solteiro vive sem nada de bom, sem ajuda, sem alegria, sem bênção e, finalmente, sem expiação". Durante o período talmúdico, sob a influência dos hábitos greco-romanos, existiram pessoas inclinadas a permanecerem solteiras, as quais, na opinião dos rabinos, deviam ser estimuladas ao matrimônio (GLASMAN, 2000).

A lei moral da religião judaica exigia a completa abstinência sexual dos solteiros de ambos os sexos. Assim que os meninos e meninas se tornavam conscientes de sua sexualidade, eram treinados no exercício do controle de suas paixões. A masturbação e até mesmo os "pensamentos lúbricos" estavam incluídos entre as transgressões sexuais proibidas. Maimônides, o rabino, filósofo e médico do século XII, aconselhava, no Guia dos Perplexos, um stratagema para se readquirir a calma: "Devemos voltar nossas mentes para outros pensamentos". Para a preservação da castidade entre jovens era costume fazê-los casar-se com pouca idade para não caírem em tentação. O Talmud define o marido e pai ideal como o que "orienta seus filhos e filhas no caminho certo e providencia para que se casem logo depois da puberdade". A idade usual para o casamento era de 16, 18 anos para o rapaz, e em torno de 12, 13 para a moça.

A dizimação devastadora causada pelos massacres da população judaica na Europa Ocidental e Central na Idade Média tornava a preservação do povo judeu ainda mais premente do que antes, apesar do casamento prematuro causar novos problemas, de econômicos a psicológicos. Apenas com o fim do isolamento do gueto em meados do século XIX o costume de casamentos prematuros foi abandonado.

Embora o jovem judeu de tempos antigos fosse mais casto do que o de outros povos, a incidência da sedução e de lapsos morais era frequente o suficiente para que as autoridades rabínicas procurassem regulá-los; mesmo os casais comprometidos eram aconselhados a não terem qualquer intimidade sexual até depois do casamento. Até o século XVIII, abraços e beijos eram proibidos para noivos. Com a tentação presente, por força da proximidade, o rabino do século III da Babilônia, *Rav*⁶⁴ (*Aba Arika*), proibiu o noivo de morar na casa do futuro sogro.

⁶⁴ Aba Arika (175-247) (aramaico talmúdico: אריכא אבא; nascido: Aba bar Aybo, hebraico : איבו בר אבא רבי) era um judeu talmudista que viveu na Babilônia, conhecido como um amora (comentarista da Lei Oral) do século III, que estabeleceu em Sura, o estudo sistemático das tradições rabínicas, que, usando o Mishnah como texto, levou à compilação do Talmud. Com ele começou o longo período de ascensão das grandes

SAÚDE E GRAVIDEZ

Ser estéril era considerado uma calamidade, porque em torno da procriação girava a instituição judaica do casamento. Era permitido o divórcio de um casal em que a mulher não houvesse concebido nos dez primeiros anos de vida conjugal. Porém os problemas decorrentes da fertilidade descontrolada também causavam preocupação. Rabinos possuíam apreciáveis conhecimentos de Medicina e Higiene, e estavam alertas para os perigos físicos, morais e sociais advindos de certos tipos de gravidez.

Sendo o problema do controle de natalidade e dos abortos em tanta controvérsia em nossa cultura atual, surpreende que, há quase 2000 anos, os rabinos houvessem sancionado a interrupção de casos de gravidez por razões claramente especificadas no Talmud além de prescreverem técnicas anticoncepcionais: "Há três classes de mulheres que devem usar um absorvente (anticoncepcional, cuja consistência não é explicada): a menor, a mulher grávida e a mulher que está amamentando. A menor para que a gravidez não seja fatal; a mulher grávida para que não ocorra um aborto (involuntário); e a mulher que amamenta, para que não engravide novamente e seja forçada a desmamar (prematuramente) a seu filho e este venha a morrer."(GLASMAN, 2001)

PROSTITUIÇÃO

Em época alguma a prostituição foi tolerada no seio do judaísmo, como dizia a proibição bíblica (Deuteronômio 23: 18): "Não haverá prostitutas entre as filhas de Israel". Maimônides explicava que essa interdição fora feita por medo que a prática tolerada por todos os povos do Crescente Fértil, "destruísse os sentimentos de amor e devoção que prevaleciam na família judaica e restringir a luxúria excessiva e contínua que aumenta com a variedade de objetos."

academias da Babilônia, por volta do ano 220. Ele é conhecido simplesmente como Rav (ou Rab, hebraico : רב).

Na religião judaica o oposto do matrimônio é a prostituição, e uma das palavras que significa prostituta é *Kadeshah* – literalmente, uma mulher que corrompeu a sua santidade, indicando o outro lado da mesma, que é a perversão (Talmud Babilônico, *Sanhedrin*, 82). Um dos motivos pelo qual o sexo é tão sagrado é porque ele tem a capacidade de conseguir algo que está além do poder de todas as outras funções humanas – isto é, trazer uma alma para o mundo, e produzir um ser humano. Segundo o Talmud (TB⁶⁵, *Tiferet Israel*), isto explica o pacto de D'us com Abraão que envolvia a circuncisão – uma marca indelével sobre o órgão reprodutor. Como patriarca do povo judeu, ele e seus filhos agora seriam capazes de usar este órgão para trazer as almas mais sagradas ao mundo.

POLIGAMIA

Havia estipulações legais cujo objetivo era o de desencorajar o casamento múltiplo. A regra rabínica do Sábio Ami, do século III, era obviamente destinada à proteção das mulheres, desamparadas numa sociedade dominada pelo homem: "Se, depois que o marido casa com uma esposa adicional, a primeira esposa pede o divórcio, ele deve conceder-lhe".

A medida tomada por *Rabenu Gershom*⁶⁶, "A Luz do Exílio" (Alemanha, 960-1040), ao exarar um decreto contra o casamento múltiplo, foi puramente acadêmica; com exceção de alguns judeus ricos de países árabes, a poligamia era inexistente entre os judeus a partir do ano 1000.

⁶⁵ A partir daqui citaremos o Talmud Babilônico como TB, seguido do nome em hebraico dos tratados citados.

⁶⁶ Rabeinu Gérshon - Conhecido como "Meor Hagola" (Luz da Diáspora). Nascido em Metz, França, em 968 e morreu em Mainz em 1040. Foi discípulo de Rab Hay Gaon. Suas decisões e regulamentações têm perdurado ao longo dos séculos em todos os campos da vida judaica, a mais famosa sendo a obrigação da monogamia para os judeus ocidentais. Foi pioneiro no estudo de Talmud na Europa Ocidental, bem como no estabelecimento de yeshivas na França e na Alemanha. Escreveu um comentário sobre o Talmud e foi autor de numerosos poemas e orações.

FILHOS

No testamento ético para seu filho, Rabi Eleazar "o Grande" de Worms⁶⁷ (c. 1050) resumiu o objetivo principal dos pais judeus: "Meu filho! É teu dever ter filhos e criá-los para o estudo da Torá. Por eles serás considerado digno da vida eterna."

Esse relacionamento entre a educação de filhos dignos, o estudo da Torá (no entender dos devotos, essa era a estrada principal para a virtude), e a recompensa final da vida eterna, formaram uma venerada tradição da religião judaica. A missão universal dos judeus, como instrumento da vontade de Deus, no sentido de conduzir todas as nações irmanadas ao Monte Sion através da Torá, exigia a preservação da continuidade biológica deles. Além do mais, ela exigia dos pais judeus, geração após geração, que preparassem seus filhos para tão elevada incumbência.

Para aumentar a força moral desse dever supremo, os Sábios ensinaram ao povo que na "criação" de cada criança havia três sócios: seu pai, a sua mãe, e Deus. De fato, Deus era considerado o sócio principal, embora "silencioso", na criação de todas as crianças, tendo os pais como seus associados ativos. No entanto, eram eles, e não Deus, inteiramente responsáveis pelo produto "final" um produto que desejavam que fosse digno do Criador a cuja divina imagem se acreditava que houvesse sido feito.

⁶⁷ Grande autoridade tanto em halachá como na mística judaica. Rabi Eleazar (1160-1230) aborda em suas obras temas como a Criação, o poder do alfabeto hebraico, os anjos, o Trono Divino e a Carruagem Celestial, além de ter composto *pyutim*, poemas litúrgicos. Eleazar sofreu grandes sofrimentos durante as Cruzadas. Eleazar desenvolveu uma atividade vigorosa em muitas direções. Por um lado, ele era um talmudista de vasta erudição, um talentoso liturgista com um estilo claro e fácil, e um astrônomo, e era bem versado nas ciências aberto para os judeus da Alemanha naquela época. Por outro lado, ele era um cabalista seduzido por alucinações, ele viu legiões de anjos e demônios, e esforçou-se para espalhar sistemas cabalísticos, que foi muito além das concepções dos autores da cabala. Em suas obras cabalísticas ele desenvolveu e deu um novo impulso ao misticismo associado com as letras do alfabeto.

Em tempos antigos era hábito armar a *hupá*⁶⁸ a céu aberto. Assim se fazia a fim de cumprir simbolicamente o verso das Escrituras que detalha a promessa de Deus ao patriarca Abraão: "Assim serão os teus filhos, como as estrelas do céu".

A necessidade de uma fertilidade tão extraordinária podia ser justificada pragmaticamente pelas circunstâncias difíceis em que os judeus do período bíblico tiveram que sustentar sua existência nacional na Terra de Israel por mais de mil anos, fazendo do aumento da população uma questão de autopreservação. A população era constantemente dizimada por invasões, guerras, incursões e deportações, pela incidência de pestes, pelo fracasso das colheitas e por migrações para outras terras, em busca de pastos mais verdes.

Durante a Idade Média, quando os judeus dispersos, começaram a sentir o peso da perseguição, um número incontável deles sucumbiu em massacres, sob torturas, em prisões e, muitas vezes, nas estradas, na fuga para inexistentes portos de segurança alhures. Essas perdas eram ainda aumentadas pela conversão, sob pressão, de muitos milhares de judeus, ao cristianismo e ao islamismo. Assim, em todas as épocas, sempre houve uma premência sentida pelos judeus de recomporem sua decrescente população, e o nascimento de uma criança trazia alegria não só a seus pais como a toda a comunidade judaica, que via nela uma reafirmação da imortalidade de Israel.

CASAMENTO

O próprio Deus designa os parceiros do casamento, e quarenta dias antes de uma criança ser formada uma voz celestial (*bat kol*) determina quem será seu cônjuge. Antes de começar a cerimônia do casamento, o noivo (em hebraico, *hatan*) vai à câmara nupcial para ver a noiva (*kalá*), antes de cobrir seu rosto com o véu. Este costume baseia-se num incidente relatado na Bíblia, quando o patriarca Jacó desposou a mulher errada porque ela

⁶⁸ Dossel nupcial sob o qual o casal permanece como representação do primeiro lar, durante a cerimônia de casamento judaica.

já tinha o rosto coberto com o véu. A cerimônia de casamento é conduzida pelo rabino e pelo *hazan* (cantor litúrgico) da sinagoga. Em algumas comunidades a noiva faz sete *hakafot* (voltas) em volta do noivo. São recitadas bênçãos sobre uma taça de vinho, que é entregue aos pais do casal para que a passem a seus respectivos filhos. O noivo coloca então o anel no dedo de sua noiva, diante de duas testemunhas, estando o casal sob o púlpito nupcial, a *hupá*. A *ketubá* (contrato nupcial) é lida, bênçãos são recitadas sobre uma segunda taça de vinho. A cerimônia termina com o noivo quebrando um copo, para lembrar a todos a tristeza sentida quando da destruição de Jerusalém, de acordo com o Salmo 137. Leva-se então o casal para que passe alguns momentos a sós (*i'hud*). (GLASMAN, 1999)

Antigamente, era nesse momento que o casamento se consumava, embora hoje tenha apenas um significado simbólico. Como o casamento é uma ligação santificada, só pode ser dissolvido por um divórcio religioso ou pela morte. Depois do casamento o casal é considerado como tendo nascido de novo, e todos os seus pecados anteriores são perdoados.

Isto tem relação com a cunhagem, no início da era rabínica, da palavra hebraica *kidushim* (santidades) para designar a cerimônia de casamento, tornando claro que os judeus, que viviam em meio à civilização greco-romana, encaravam o matrimônio como uma união sagrada, versus a atitude dos romanos, que faziam referências depreciadoras ao "jugo matrimonial", vendo marido e mulher como que "julgados" um ao outro em *conjugium*. Já a noiva judia era "consagrada" ao seu noivo, responsável pelo tratamento que desse a ela, perante Deus e a comunidade.

A posição dos membros de seitas ascéticas da Judéia, como os essênios e os primitivos cristãos judeus, era muito diferente. Segundo AUSUBEL (1967), Paulo de Tarso, que era judeu e intencionalmente celibatário, sentia repugnância pelo casamento: "Os filhos do mundo casam e são escolhidos para casar, mas aqueles que serão considerados

dignos de ganhar o outro mundo e a ressurreição, eles não receberão em casamento, nem se deixarão entregar em casamento".

Não obstante, ao tempo de Paulo, a grande maioria de seus irmãos judeus emprestava ao casamento um valor moral que o equiparava às aspirações mais altas da Humanidade. Essa concepção idealizada, compartilhada pelo pensamento e pela prática dos cristãos de épocas subsequentes, é bem representada nos ritos judaicos de casamento. Enquanto o noivo e a noiva estão sob a *hupá*, as sétima e oitava bênçãos são enunciadas, repetindo a antiga afirmação de que a vida é prazerosa: "Abençoado sejas tu, ó Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que criaste a alegria e o júbilo, noivo e noiva, regozijo e exaltação, prazer e delícia, amor, fraternidade, paz e solidariedade".

Nos tempos pós-bíblicos, cabia aos pais a tarefa de selecionar o cônjuge para seus filhos e filhas. A decisão final, porém, era dos próprios jovens. Em particular, o poder do veto era dado à noiva.

A lei rabínica tornava obrigatória a aprovação prévia da moça que estava por se casar, ao marido que o pai havia escolhido para ela. "Um homem não deve casar sua filha enquanto ela for menor" prevenia *Rav*, autoridade religiosa da Babilônia, no século III⁶⁹. Nenhum pai tinha o direito de agir precipitadamente nesse assunto. Não deveriam, também, exercer qualquer pressão sobre ela no sentido de uma decisão. "Ele deve aguardar até que ela atinja a maioridade", quando se podia esperar que ela estivesse mais capaz de um julgamento maduro. E seu pai deveria perguntar-lhe de maneira direta, se ela estava pronta a casar-se, de livre e espontânea vontade, com o homem que ele havia escolhido para ela. Se ela dissesse que não, o compromisso estava desfeito. Se ela dissesse sim, deveria ser explícita: "Esse é o homem que amo".

⁶⁹ Ver nota 4.

Os sábios se revoltavam contra os que se casavam por frio cálculo. "Aquele que se casar por dinheiro terá crianças malvadas", afirma o *Talmud* com franqueza brutal, com profunda percepção psicológica. Num lar fundamentado em interesses mercenários, não pode haver amor - só um conflito contínuo. As crianças crescem ali, geralmente, com distúrbios de personalidade e uma visão deformada da vida.

*Akiva*⁷⁰, o *Tana* do século II, foi ainda mais longe na defesa do casamento por amor. Ele próprio tinha vivido um idílio de amor profundo. Ao tempo em que servia como pastor do mais rico homem da Judéia, *Kalba Sabua*, apaixonara-se pela filha do patrão. Embora fosse ignorante na época e não tivesse qualquer importância aos olhos do mundo, ela retribuiu o seu amor e deixou a casa de seu pai para partilhar com ele de uma vida de privações e lutas. No consenso legendário do povo, foi o seu amor desprendido e seu encorajamento que fizeram do pastor *Akiva* a coroa e a glória do estudo da Torá. Por conseqüência, ao mencionar o amor conjugal, é compreensível que *Akiva* se expressasse com ênfase especial: "O homem que se casa com uma mulher que não ama, viola cinco mandamentos sagrados: Não matarás. Não buscarás a vingança. Não serás rancoroso. Amarás a teu próximo como a ti mesmo e que o teu irmão possa viver contigo", explicando: "Se um homem odeia sua mulher, ele deseja que ela esteja morta", sendo, portanto, dizia *Akiva*, moralmente, um assassino! Pois na filosofia moral do judeu, havia uma margem muito estreita de diferença entre o pensamento malévolos, em si, e o ato a que ele podia conduzir.

⁷⁰ Akiva ben Yossef ou Rabi Akiva (ca. 50 - ca. 135) Importante tanaíta da província da Judéia em fins do primeiro século e durante a primeira metade do segundo século (3ª geração dos tanaítas). Grande autoridade em assuntos da tradição judaica e um dos principais centrais contribuidores à Mishná e ao Midrash Halachá. Akiva é citado no Talmud como "Rosh la-Chachamim" (Guia para os Sábios).

Por sua precoce contribuição à Mishná, Rabi Akiva é considerado um dos fundadores do judaísmo rabínico. Akiva era descendente de prosélitos, assim como muitos sábios do período, a exemplo de Rabi Meir, Avtalión e Shemaiá, Ben Bag Bag, Ben He He, Onkelos, entre outros.

O ideal do casamento por amor, "consagrado... segundo as leis de Moisés e de Israel", tornou-se o tema de muitos poetas medievais hebreus.

A preocupação com os casamentos por amor diminuiu perceptivelmente com a intensificação do sofrimento dos judeus na Idade Média. Na opinião dos contemporâneos, permitir que os jovens seguissem livremente as inclinações de seu coração era um luxo que aqueles tempos incertos não admitiam. A dura realidade exigia casamentos práticos, não sentimentais. A necessidade mais sentida dos judeus era a da sobrevivência e preservação física como povo. Assim, o *shad'han* (casamenteiro) adquiriu maior proeminência, ao arranjar os casamentos sem demoras.

Casamentos precoces (na puberdade) para as moças, embora fossem comuns em todos os povos orientais, só se tinham tornado prática geral entre os judeus na Idade Média. Um das razões desse fato era a proteção moral que deles advinha para suas filhas pequenas numa época de atrocidades generalizadas contra os judeus.

CASAMENTO, AMOR E SEXO⁷¹

A Torá diz que o homem deve unir-se com a sua esposa e vai mais longe: "O homem deixará seu pai e sua mãe e unir-se-á à sua mulher, tornando-se uma só carne" (TB, Sanhedrin, 90. Gênesis 2 : 25).

Uma "Ordem" ⁷² inteira do Talmud (mais de um sexto do compêndio!), é dedicada a assuntos como casamento, divórcio e direitos da mulher. Todas as facetas da vida conjugal estão discutidas no Talmud. Os aspectos sexuais do casamento são de essencial importância para o Talmud, que lhes devota um tratado inteiro, denominado Nidah, além de longas passagens em outras áreas.

⁷¹ Convém ler RISMANN, Arnaldo. A sexualidade no Judaísmo: uma pesquisa bibliográfica. Monografia Pós-Graduação Lato Sensu em Sexualidade Humana. Rio de Janeiro: UGF, 1994.

⁷² *Talmud Babilônico, Tratados Ketubot, Guitin, Sotá, Shabat; além disto, 1/4 do Shulcan Aruch – Seção Even Haezer e partes extensas de seção do lore Dea são dedicados a isto.*

O Talmud (TB, *Sotá*) considera a combinação de pessoas tão difícil quanto a divisão das águas do Mar Vermelho, isto é, o milagre não foi tanto a separação das águas e sim mantê-las separadas de modo que o povo judeu pudesse passar com sucesso. Assim também é a união do homem e da mulher.

Segundo o Talmud (TB, *Nidah* 31b), para o casamento ser bem sucedido, a atração entre marido e mulher do período inicial do casamento deve ser preservada e até ampliada. E a abstinência sexual recomendada pela pureza familiar ajuda a manter aquela atração, estimulando a renovação do desejo.

Segundo a Cabalá, a obrigação de dar prazer à esposa é uma obrigação da Torá (Êxodo 21:9), que também proíbe o homem de se recusar a ter relação sexual com sua esposa para causar-lhe frustração, pois ela irá sofrer e o homem não estará cumprindo o mandamento de satisfazê-la (*Shulchan Aruch, Even Haezer, 76:11*). O objetivo principal é tornar a esposa feliz (TB, *Shabat, 63a*).

Para o Talmud (TB, *Nedarim, 20a*) a forma como o casal se une afeta também o caráter da criança que possa ser gerada dessa união. Quanto mais elevadas são as intenções originais, mais elevados serão os filhos, no sentido físico e espiritual.

Segundo RISMAN (1994), o prazer e a alegria da esposa são conceitos muito importantes no Judaísmo. O Talmud (TB, *Pessachim, 72a*) diz que se deve cumprir o desejo e a vontade dos céus e o desejo de sua esposa. Ao analisar essa questão, apresenta uma divergência. Rabi Eliezer diz: “Ele deve seduzir no momento do ato”. E Rabi Yehuda diz: “Ele deve alegrá-la com a *Mitzvá*”. Para o *Shulchan Aruch*⁷³ (*Orach Chaim, 240*), a discussão não é o que fazer, pois ambos estão falando sobre a mesma coisa, e sim como

⁷³ O *Shulchan Aruch* (em hebraico : *Shulchan Aruch* , literalmente: "Mesa Posta") também conhecido como o Código da Lei Judaica, é a maior autoridade em código legal do judaísmo. Foi criado em Safed, Palestina, por Yosef Karo em 1563 e publicado em Veneza, dois anos depois. Junto com seus comentários, é a compilação mais amplamente aceita de lei judaica jamais escrita.

cada um dá uma ênfase a outro aspecto específico deste assunto. Segundo Rabi Eliezer, o desejo da esposa seria aquilo que a alegra, ou seja, o carinho, o abraço, os beijos, etc., tudo aquilo que faz com que ela se sinta feliz durante, isto é, a preparação antes do ato. Por outro lado, de acordo com o Rabi Yehuda, o desejo da esposa seria alegrá-la no momento em que ela deseja ter relações. Ambos estão certos segundo a Lei Judaica.

Segundo o *Shulchan Aruch* (*Op. cit.*), muitas vezes para a mulher a preparação que antecede o ato é mais importante que o próprio ato. É por isso que o homem deve se preparar antes do momento do ato de tal maneira que ele institua dentro do seu coração um amor único pela esposa de modo que a inspire, envolva com palavras, beijos e muito carinho.

A *Guemara* (TB, *Berachot*, 62a) traz uma história que conta que um grande rabino, conhecido pelo cuidado que tinha em dizer algo; era um pouco lacônico, pois falava pouco e só palavras da Torá. Mas soube-se que no momento em que estava com sua esposa ele falava e muito. Segundo os sábios do Talmud essa história demonstrava que falar durante a relação sexual é uma *Mitzvá* - palavras que alegrem a esposa - por isso o rabino não poupava palavras onde pudesse provar o carinho para a sua esposa.

Sobre preliminares, existe outro comentário do Talmud: “Dizia *Rabi Yohanan*: se a Torá não fosse entregue, poderíamos aprender modéstia e recato com os gatos; a preocupação com a propriedade alheia com as formigas; fidelidade no lar das pombas e até mesmo o cortejo com o galo” (TB, *Eruvim*, 100b). Ele explica que o galo nunca parte diretamente para o ato. Primeiro parece seduzir a galinha com movimentos de asa. Depois ele abaixa a crista como se estivesse agradecendo e vai embora.

O Talmud (TB, *Pessachim*, 49b) menciona que para cortejar a esposa é necessário, entre outras coisas, que o homem reconheça as qualidades visíveis e potenciais dela. Sendo assim estará cumprindo o mandamento de “Amar o próximo com a si mesmo”

(Levítico 19:18), pois quem tem relação com a sua esposa e não a corteja, demonstra uma falta de amor ao próximo.

Segundo o Talmud (TB, *Shabat*, 140b), a mulher deve participar dos preparativos que antecedem o ato de maneira sutil, discreta e romântica. Esta sutileza e discrição envolvem a roupa, pintura, comida, gestos e não ir “direto ao assunto”, pois uma das diferenças entre o homem e mulher, é que “ela pede com o coração e ele com a boca” (TB, *Eruvim*, 100b). No mesmo Tratado existe uma colocação que ambos devem participar juntos no ato, isto é, o homem deve se preocupar em dar a sua esposa prazer e vice-versa. Quando ambos estão ligados entre si a relação se torna completa.

A “*Igueret Kedusha*” (=“Portal da Santidade”), mencionada na introdução, fala a respeito do que deve acontecer durante o ato. Nesta obra Nachmânides coloca que para haver excitação, ereção, sêmen, enfim o ato em si é necessário o estímulo da mente do homem; o que acontece durante a relação depende da intenção.

O Talmud diz que o homem tem a obrigação de dar prazer a sua esposa durante o ato (TB, *Nedarim*, 20a).

FAMÍLIA - TRATAMENTO DA ESPOSA

A vida familiar dos judeus sempre foi exaltada no mundo por três motivos: pelas características de solidariedade de que se reveste, pelos afetivos e calorosos laços que unem os membros da família e pelo alto nível de sua moralidade.

A preocupação da religião judaica com o estabelecimento a família pode ser observada no fato de que o Talmud dedica cinco tratados a opiniões e regulamentações dos sábios rabínicos sobre as relações entre marido e mulher. Seu objetivo principal era o de assegurar uma felicidade conjugal duradoura. Tinham, porém, outras finalidades, tão prementes quanto. Uma era a melhoria do bem comum. "A felicidade do lar se propaga para o mundo exterior... Aquele que estabelece a paz em sua própria família é como se a

estivesse estabelecendo para todo Israel" declaravam os sábios, acrescentando que a felicidade e a paz familiares só poderiam ser alcançadas por um meio: pelo poder do amor entre marido e mulher.

Antecipando-se ao pensamento dos modernos psicólogos infantis a respeito do assunto, os educadores rabínicos, há 18 séculos, estabeleceram como princípio fundamental para a felicidade familiar: "Aquele que ama a sua esposa como a si mesmo e a honra mais do que a si mesmo, orientará a seus filhos no caminho certo". E como os conselheiros matrimoniais de hoje, eles perceberam que em lares em dissidência pelas discórdias entre os pais, os filhos sofrem danos psíquicos irreparáveis. O Talmud advertia: "A discórdia no lar é como a podridão da fruta. Um lar em que impera a discórdia será desfeito".

Recapitulando essa tradição talmúdica, a obra cabalística medieval Zohar apresentava uma fórmula definitiva para se conseguir a paz familiar: "A esposa que recebe amor de seu marido dá-lhe amor em troca. E se ele lhe dá ódio - ela lhe devolve ódio." Consequentemente, no dar e receber da união marital, o marido e a esposa eram comparados pelos rabinos a duas velas, uma sendo acesa pela chama da outra: Por essa razão, exortava *Hai Gaon* (na. 1038), o último dos brilhantes acadêmicos rabinos do judaísmo da Babilônia: "Ama por toda a vida a amada de tua juventude, e implanta teu amor por ela bem fundo no coração."

Como muitos dos mestres religiosos do povo judeu fossem realistas sóbrios, eles demonstravam uma solicitude piedosa para com a esposa em sua situação de inferioridade social e relativa privação de direitos num mundo de homens. A despeito do fato de que os maridos judeus geralmente tratavam as esposas com maior humanidade e suavidade do que os não judeus da mesma época, os rabinos dirigiam os ensinamentos e as admoestações de fundo moral principalmente para os maridos, e não para as esposas. Alguns dos princípios morais fundamentais e as regras básicas elaboradas pelos Sábios

estabeleceram o padrão clássico da conduta marital judaica seguido há quase dois mil anos

Os Sábios dos tempos do helenismo acentuavam que era do máximo interesse dos maridos tratarem com justiça e gentileza as esposas. "Se um homem é feliz, é por causa de sua esposa. Todas as bênçãos que caem sobre seu lar derivam dela."

Numa época que foi caracterizada, entre os não judeus, por um grande cinismo e desrespeito pelas mulheres, o Rabi Eliezer de Mogúncia (m. 1357) insistia: "As esposas devem respeitar os maridos e sempre ser amáveis com eles. De sua parte, os maridos devem honrar as suas esposas mais do que a si próprios. Devem tratá-las com ternura e consideração." Agir de outra forma, nas palavras do enciclopédico sábio humanista, o Rabi *Iehudá Ibn Tibon* (século XII, Provença), "é a forma usada por homens desprezíveis".

O marido recebia, repetidamente, admoestações contra o exercício de uma autoridade severa demais sobre a sua esposa. E a crueldade, mesmo que só verbal, era estritamente proibida. O Talmud adverte: "Cuida-te quando fazes uma Mulher chorar, pois Deus conta as suas lágrimas. A Mulher foi feita da costela do Homem, não dos pés para ser pisada, nem da cabeça para ser superior, mas sim do lado para ser igual, debaixo do braço para ser protegida e do lado do coração para ser amada". (*Baba Metzia* 59)

O cuidado carinhoso que a maioria dos maridos judeus tinha pelas esposas refletia-se na rigorosa proibição rabínica do castigo corporal aplicado à mulher. Isto na mesma época em que, entre os cristãos e os muçulmanos, a agressão periódica à esposa era encarada como corretivo bastante respeitável e uma prática legítima do chefe da casa, que lhe permitia manter a autoridade indiscutível. O Rabi Meir de Rothenburg⁷⁴ (Renânia,

⁷⁴ Meir de Rothenburg (c. 1215 - 2 de Maio 1293) foi um alemão rabino e poeta, autor principal das Tosafot ao comentário de Rashi sobre o Talmud. Ele também é conhecido como Meir ben Baruch, o Maharam de Rothenburg. Ele não escreveu uma única grande obra, mas muitas notas, comentários, exposições, e poemas - bem como 1.500 *responsa*.

1220-93) apenas repetia um fato bem conhecido na época ao observar: "Os judeus não seguem o costume em voga de bater nas esposas."

O sábio e autoridade rabínica da Babilônia do século X, *Saadia Gaon*⁷⁵, era de opinião que "o homem não deve ter desejo sexual a não ser por sua esposa, para que ele a ame e ela a ele". O amor no casamento tinha para o judeu devoto o caráter de um sacramento, pois o objetivo religioso-social de constituir uma família perpetuaria o povo de Israel, cumprindo a vontade de Deus. A coabitação era não só um direito do marido como também um dever religioso em relação ao qual, com todas as sanções rabínicas, a esposa tinha privilégios iguais aos do marido.

CONCLUSÃO

Causa surpresa a muitos observadores que os padrões tradicionais de moralidade e de comportamento marital entre os judeus tenham sobrevivido com seus traços mais característicos até os nossos dias. Essa sobrevivência tem-se dado apesar das assimilações culturais dos judeus e a desintegração dos valores morais na sociedade moderna. Para essa preservação, um fator decisivo foi o longo condicionamento histórico dos judeus à fidelidade conjugal, mesmo os pouco religiosos ou secularistas.

No *Tractatus adversus Judaeos*, Agostinho faz a seguinte acusação contra "os judeus": "Considerai o Israel segundo a carne (1 Cor 10,18). Este nós sabemos que é o Israel carnal; mas os judeus não compreendem este significado e, assim, tornam-se indiscutivelmente carnis". (VII, 9)

⁷⁵ Ben Josef al Fayyum, ou ainda, Saadia Gaon (גאון סעדיה - o chefe), nascido em Dijaz, Fayyum, Egito em 892 d.C. e morto em 943 d.C. (outros dizem 884-944, ou ainda 942) foi um filósofo de origem judaica, tornou-se em 928, chefe (Gaon) da Escola de Sora (ou Sura), por iniciativa das autoridades judaicas superiores de Babilônia. Ideologicamente contrário ao rigor e tradicionalismo do Caraísmo, defendeu uma interpretação da lei judaica segundo a forma humanizante dos talmudistas. Em virtude de suas reflexões sobre as relações entre a religião e a filosofia, é considerado o primeiro filósofo do Judaísmo.

Agostinho sabia do que estava falando. Havia uma diferença entre judeus e cristãos que tinha a ver com o corpo⁷⁶. Ao se utilizar de um paradoxo delicado para argumentar que o Israel segundo a carne (os judeus), pela sua própria insistência no fato de ser o verdadeiro Israel, mostra não compreender que existe um sentido carnal e outro espiritual para a escritura⁷⁷.

Apesar de várias obras atuais homogeneizarem as divergências entre os discursos "judaico" e "cristão" a respeito da sexualidade numa hipotética tradição judaico-cristã, Peter BROWN (1987, 266-67), um dos grandes intérpretes modernos dos Padres da Igreja, acredita que a diferença fundamental entre o cristianismo e o judaísmo está na maneira como o corpo e o sexo são encarados pelas duas culturas. Para ele, a divisão entre cristianismo e judaísmo era mais forte neste ponto. Na interpretação adotada pelos rabis, a sexualidade era um adjunto permanente da personalidade. Apesar de ser potencialmente turbulenta, era possível moderá-la. No caso dos cristãos, ocorreu o contrário: a sexualidade tornou-se um marcador de alta carga simbólica, justamente porque se acreditava que pudesse ser extirpada do indivíduo que assumisse certos compromissos, como um sinal das qualidades necessárias para liderar a comunidade religiosa. A remoção da sexualidade ou o afastamento do indivíduo do âmbito da sexualidade simbolizava a total disponibilidade para Deus e os outros seres humanos, que está associado ao ideal da pessoa inteiramente devotada.

⁷⁶ Ele parte de um comentário hermenêutico feito por Paulo na Epístola aos Coríntios, a respeito de um versículo da Bíblia Hebraica que fala de "Israel". Paulo afirma que o versículo se refere a Israel "segundo a carne", isto é, "Israel" em seu sentido literal. Trata-se de uma alusão à doutrina platônica de que a realidade externa - os objetos concretos - são uma fachada que possui um significado espiritual. Isso se aplica tanto às palavras do texto quanto às coisas do mundo. Assim como há um Israel segundo a carne, há também um "Israel segundo o espírito": os gentios (e os judeus) que acreditavam em Cristo.

⁷⁷ Ao se ater a esta interpretação, este povo está para sempre condenado a manter um caráter indiscutivelmente carnal, e não espiritual. Esta leitura concreta de Israel o confina definitivamente ao domínio da carne. Ou seja, as práticas hermenêuticas dos judeus rabínicos, sua existência corporal enquanto povo e a importância que davam ao sexo e à reprodução são estigmatizados pelo Padre como elementos "carnais". Esta acusação contra os judeus - a de que eram indiscutivelmente carnais - foi o topos de grande parte dos escritos cristãos no final da Antiguidade.

No Judaísmo o sexo e o amor unem-se indissolúvelmente. O termo hebraico "ahavá" é empregado tanto para os aspectos físicos do amor, como para os espirituais. Os teólogos cristãos utilizam duas palavras gregas distintas para o amor: "eros", o amor carnal, e "agape", amor espiritual. O Judaísmo insiste que o amor a Deus, a amor ao próximo, e o amor entre homem e mulher, são todos iguais: *ahavá*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSUBEL, Nathan. Conhecimento judaico. Biblioteca de Cultura Judaica. Rio de Janeiro: Tradição, 1967. v. 5.
- BRANDEN, Nathaniel. A psicologia do amor romântico. RJ: Imago, 1982.
- BROWN, Peter. "Late Antiquity". In *A History of Private Life*, ed. Phillipe Ariés e Georges Duby. Vol. 1, *From Pagan Rome to Byzantium*. Cambridge, Belknap Press of Harvard University Press, 1987.
- DAVIDSON, Grace. *La relación entre el hombre y la mujer: el judaísmo frente a la cultura occidental* In *La Mujer - Hoy, Neshei Ubnot Jabad*, coletânea, Argentina, Buenos Aires, Jabad Lubavitch, 1985.
- FRIDLIN, Jairo. Sidur da Semana. São Paulo, Ed. Press Grafic, 1989.
- GLASMAN, Jane Bichmacher de. "A Luz da Menorá: introdução à cultura judaica", Rio de Janeiro: Sttampa, Ed. da autora, 1999.
- _____. "A mulher judia e a pioneira", Rio de Janeiro: Revista Eletrônica Rio Total. On-line: www.riototal.com.br/comunidade-judaica/(Cultura), setembro de 2000.
- _____. "De Rachel a Rachel: Mulher, Amor e Morte". Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2001.
- MATZLIAH, Meir. A Torá: A Lei de Moisés. Rio de Janeiro, Ed. Danúbio S.A., 1962.
- PITTALUGA, Gustavo. Grandeza y Servidumbre de la Mujer. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 1946.



RISMAN, Arnaldo. A sexualidade no Judaísmo: uma pesquisa bibliográfica. Monografia realizada em cumprimento às exigências acadêmicas do Departamento de Psicologia da Universidade Gama Filho como requisito para conclusão do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Sexualidade Humana. Rio de Janeiro: UGF, 1994.

SCHALLMAN, Lázaro. Amor y Pasión entre los Judios. Argentina, Buenos Aires, Editorial Candelabro, 1963.

STEINSALTZ, Adin. Talmud Essencial. Rio de Janeiro, Ed. A Koogan, 1989.